

## CARTA DE PRELÚDIO

Por Bethânia Medeiros Geremias

Caras leitoras e leitores,

É com grande alegria que eu apresento o livro *“Tecendo biografias e memórias de leituras de pós-graduandos: o professor me ensinou a fazer uma carta de amor”*, organizado por mim e três mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa: Camila Martins Januário de Freitas, Daiane Cenachi Barcelos e Mariana Moreira dos Santos. Além dessa linda parceria na organização da obra, tivemos a felicidade de poder contar com uma estudante do curso de Pedagogia, desta mesma universidade, para a ilustração de algumas de suas páginas. Agradeço à Janaína Torres Lopes pelas lindas criações artísticas que tornam as cartas ainda mais vivas.

Antes de apresentar as cartas, produzidas pelos estudantes da Pós-Graduação, é importante contextualizar o nascimento dessa obra, escrita por muitas mãos. Mãos que teceram, a partir de experiências e memórias de vida e de leituras diversas, um texto tão bonito e transformador. O livro nasceu de uma prática de leitura e escrita desenvolvida por mim na disciplina optativa "Educação e razões oprimidas", que leciono no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. Durante a realização da disciplina, – em dois semestres distintos (2021 e 2022) – os estudantes foram convidados a escrever cartas em resposta às obras "Professora, sim; tia, não - cartas a quem ousa ensinar" e "Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos", de Paulo Freire, bem como ao livro "Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática", de bell hooks<sup>1</sup>.

O trabalho com gêneros epistolares, nas aulas da graduação e da pós-graduação, integra uma das estratégias de ensino e de avaliação desenvolvidas por mim, com o intuito de mobilizar a escrita e a leitura em sala de aula. Nós, que nos embasamos nos trabalhos de Freire, já estamos habituados com essa forma de diálogo entre o autor e seus leitores.

Aproveito a obra para agradecer ao querido professor – hoje aposentado - Edgar Pereira Coelho, fundador da disciplina Educação e Razões oprimidas, em nosso programa de Pós-Graduação. Ele mesmo foi o autor de uma linda obra intitulada *“Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a Educação por cartas e livros”*. Apesar da disciplina ter sido atualizada por mim após 2020, com a incorporação das obras de hooks, ela traz as marcas e as memórias desse querido professor que, em seu livro, escreve o seguinte: “não exito em afirmar que ele [Freire] criou um verdadeiro subgênero literário, no conjunto do gênero literário ‘carta’ [...] a partir de uma reconfiguração e imbricação dos universos real e ficcional” (2019, p. 98). É no prefácio deste livro que Gadotti (p. 14) escreve:

Paulo Freire usou o gênero carta também como um suporte novo da educação popular, como uma poderosa ferramenta pedagógica do diálogo. O gênero carta não se presta ao discurso autoritário. As cartas se destinam

---

<sup>1</sup> O nome da autora está escrito em letras minúsculas, sendo uma escolha dela, para que o foco fosse em sua escrita, e não em sua pessoa. É um pseudônimo inspirado em sua bisavó materna.

muito mais para fazer um convite às pessoas, um convite ao diálogo. Paulo Freire chama a atenção para o conteúdo das formas. O que ele disse por meio das formas é muito importante para a formação do educador.

É com essa perspectiva da inseparabilidade entre conteúdo e forma que, sendo grande admiradora da obra de Freire, eu solicitava aos estudantes, ainda na graduação, que respondessem a algumas cartas do seu livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”. Em outra oportunidade, eu pedi aos estudantes da disciplina de Ciências, do curso de Pedagogia, que se correspondessem com outros do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Santa Catarina. Um relato desse trabalho foi publicado depois na Revista Perspectiva. Destaco, ainda, a resposta a uma das cartas de Freire, publicada em coletânea de 2021, na qual intitulo Paulo Freire de “o mestre das cartas-*asas*”. Guardo dessas memórias de escritura a riqueza das experiências compartilhadas: de ensino, de aprendizagem, de vida e de formação na e para a docência.

O livro, que agora apresento, é fruto de um desejo de homenagear a essas duas figuras ímpares da pedagogia mundial: hooks e Freire, que nos inspiram a buscar, cotidianamente, uma educação transformadora, libertadora e engajada na construção de uma sociedade mais justa e solidária. A importância de abordar e problematizar os conhecimentos e práticas escolares e universitárias, desde uma perspectiva transgressora, engajada e interseccional foi fomentada em meu primeiro contato com o livro de hooks “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”. É já na introdução desta linda obra, em que a hooks dialoga com Freire, que ela escreve:

Na pós-graduação, constatei que eu me entediava com frequência na sala de aula. O sistema de educação bancária (baseado no pressuposto de que a memorização de informações e sua posterior regurgitação representam uma aquisição de conhecimentos que podem ser depositados, guardados e usados numa data futura) não me interessava. Eu queria me tornar uma pensadora crítica. Mas, essa vontade era vista como uma ameaça à autoridade. Os alunos brancos (homens) considerados “excepcionais” frequentemente tinham permissão para traçar a si mesmos o curso de sua jornada intelectual, mas dos outros (e particularmente de grupos marginais) só se esperava que se conformassem (hooks, 2013, p. 14).

Visando também fomentar o pensamento crítico nas salas de aula em que lecionei (da educação infantil à pós-graduação) e, me considerando, desde sempre, uma estudante e, depois, professora progressista, me identifiquei demais com a leitura dessa obra e com o pensamento da autora. Ela me mostrava que eu estava no caminho certo e que minhas transgressões não eram somente o reflexo de uma voz indisciplinada, mas de uma mulher - professora, criada para a submissão ao patriarcado (em todos os espaços) - que sempre quis fazer valer sua liberdade de criar e de pensar por si própria (na vida e na sala de aula).

Os conteúdos-formas desse livro são organizados em três partes, que refletem a trajetória dos pós-graduandos e pós-graduandas em sua busca por uma prática docente mais consciente, crítica e amorosa. Nasce, como diria Freire, de nossa eterna busca de “*ser-mais*”. Não como uma obrigatoriedade imposta por aqueles que tentam nos assujeitar, mas como direito e um devir ontológico.

Na Parte I, “Dispostas(os) a correrem riscos e lutar pelo direito de ser quem são: de mãos dadas com a pedagogia engajada”, os autores refletem sobre o pensamento crítico, a educação democrática e a pedagogia engajada, em cartas endereçadas a bell hooks e em diálogo com outras figuras inspiradoras.

Na primeira carta, a mestrande e professora Alaíde Vimieiro Toledo Barbosa busca inspiração nos escritos de bell hooks para responder ao "Ensino 1: o pensamento crítico" e compartilhar conosco suas reflexões e ansiedades acadêmicas, pessoais e profissionais. A carta escrita por ela: *Refletindo sobre o pensamento crítico: uma carta à bell hooks*, traduz o seu entusiasmo pelo poder transformador da ação, do engajamento e da liberdade, destacando o papel inspirador e transgressor dessa intelectual que nos ensina a pensar e agir de forma crítica.

Nathália Cristina Costa Tavares, em sua carta intitulada *Educação democrática: reflexões de uma professora-aluna*, também escolhe responder à bell hooks, dialogando com seu Ensino n° 2: Educação democrática. Tavares discute sobre as lutas da democracia no Brasil e sobre a conexão entre fome e cidadania, compartilhando, ao mesmo tempo, uma memória pessoal sobre as experiências de sua mãe com trabalho e pobreza e sobre uma experiência de reflexão em sala de aula da educação infantil sobre o tema “cor da pele”, destacando a importância de abordar a discriminação e o racismo na educação das crianças.

Na terceira carta dessa parte, Daniella Viveiros Meirelles, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, rompe com as fronteiras do seu curso ao se matricular na disciplina Educação e razões oprimidas, com a ansia de buscar novas formas de ensinar-aprender na formação dos profissionais de sua área. Assim, ela também nos ensina sobre a riqueza de ampliar os diálogos com outros conhecimentos e, assim, construir pontes. Não é por acaso que escolhe o seguinte título para o seu escrito: *Carta endereçada à bell hooks: a “pedagogia engajada”*, associada à educação em medicina veterinária.

Na carta seguinte, *O despertar dos sinos: carta a hooks*, Carlos Fernando Ribeiro aborda sua dificuldade em escrever, especialmente em conciliar uma escrita informal acadêmica com exigências formais. Ele expressa a luta de abordar relatos pessoais dolorosos e reflete sobre a divergência entre suas práticas diárias e a criticidade educacional influenciada por hooks. Segundo o autor, a escrita dessa carta é libertadora, pela oportunidade de enfrentar feridas internas. Carlos destaca a longa jornada para alcançar igualdade sociocultural em nosso país, mas encontra em hooks uma educadora que promove uma educação planetária intercultural, baseada no respeito à diversidade, para transformar estruturas opressivas e redefinir suas práticas educacionais.

A última carta da primeira parte começa com o título *Tudo o que precisamos é de amor*. Nela, Elecíntia Medina Vieira, mestrande em Estudos Linguísticos, responde ao Ensino n° 27: Amar novamente, do livro "Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática", de bell hooks. Ela conecta hooks a Paulo Freire ao abordar o amor em sala de aula. Ela nos conta que foi outro livro dessa autora, intitulado "Tudo sobre o amor: novas perspectivas" que impactou sua vida profissional e pessoal, concebendo amor como força transformadora. Elecíntia diz promover o amor como ação diária, aplicando-o em sua docência. No processo da escrita, ela lembra com pesar a partida de hooks e homenageia-a na carta. Com suas reflexões, a autora nos instiga a refletir sobre o amor em sala de aula, transcendendo disciplinas, transformando a educação e afastando-a dos mecanismos de

dominação e opressão em sala de aula. O ensinamento central é: “Tudo o que precisamos é de amor”. Um ensinamento significativo, não é mesmo?

Seguindo a linearidade das correspondências, na Parte II - “A busca do ser mais e os reflexos da humildade, amorosidade e resistência na práxis docente” – autores e autoras compartilham suas experiências e reflexões sobre a prática docente, permeadas pela humildade, amorosidade e resistência. Em seus relatos, encontramos o ziguezaguear entre o difícil e o medo paralisante, a importância da dialogicidade e a educação enquanto ato de resistência.

Lenice Lima Miranda inicia sua carta, *Reflexão em Freire: professor em contínua aprendizagem*, descrevendo o ambiente em que se encontra no momento dessa escrita: ensolarado e florido. Enquanto relê “Professora-tia: a armadilha”, de Freire, ela conta que teve a oportunidade de refletir sobre a obra durante sua graduação em Pedagogia, nos anos 90, e enfatiza como essas leituras lhe deram coragem para sair da zona de conforto profissional e retomar os estudos na pós-graduação. Por essas e outras razões, ela expressa sua gratidão a Paulo Freire, por inspirar gerações de professores, destacando a relevância de sua visão transformadora e de seu compromisso com a aprendizagem contínua.

A segunda carta dessa parte, escrita por Thaiana Dias, tem um título forte e expressivo: *É bom porque é popular!* Em todas as linhas, ela expressa sua gratidão à Freire e reconhece a sua influência em sua transformação pessoal e profissional. Mesmo enfrentando dificuldades, Thaiana nos conta que decidiu enfrentar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), matriculando-se em um cursinho pré-vestibular aos sábados. Mais tarde, ao mudar-se para Viçosa, teve a oportunidade de participar de um cursinho popular inspirado nas ideias freireanas. Esse foi, segundo ela, um momento crucial para o desenvolvimento de uma consciência ampliada de si mesma, para a superação de suas crenças limitantes e o reconhecimento da importância do aprendizado crítico e criador.

A terceira carta, de Vanessa Maria Gonçalves, intitulada *Ziguezagueando entre o difícil e o medo paralisante*, emerge do contexto da disciplina que originou este livro. Vanessa escolheu responder à segunda carta: “Não deixe que o medo do difícil paralise você”, por sua ressonância com sua trajetória como estudante e professora. Ela compartilha suas lembranças escolares, destacando as palavras incentivadoras de sua mãe para enfrentar o medo do difícil, especialmente em relação à matemática. Vanessa descreve o bloqueio que enfrentou nessa disciplina, gerando inseguranças ao longo da educação básica e influenciando sua escolha pelo curso de História na universidade. Ela se sente profundamente conectada com sua própria jornada ao ler a carta, trazendo à tona suas experiências de medo e dificuldades escolares. Vanessa reflete sobre a falta de diálogo aluno-professor e aborda a “ironia da vida” ao se tornar professora de História, uma vez que havia desejado deixar a escola para trás. Seu interesse em responder à carta, que explora o medo do difícil, é acentuado por essa ironia, já que a escola, que ela ansiava afastar, tornou-se um elemento fundamental em sua vida.

A resposta subsequente, escrita por Taylla Cristina de Paula Silva, é uma réplica à carta de Freire. O título que escolheu para o seu escrito, *Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade*, segue o nexo do conteúdo da carta do mestre “Cursei pedagogia porque não tive opção”. A autora compartilha reflexões e experiências educacionais, desejando ter conhecido as palavras de Freire desde cedo para enfrentar desafios. Moviada por essas palavras, aborda o desânimo associado à profissão docente. Embora tenha considerado ser

professora, optou inicialmente por cursos mais prestigiosos, devido às dificuldades educacionais. Certas situações minaram sua autoconfiança ao se preparar para o vestibular, levando-a a questionar seu potencial. Posteriormente, optou por Pedagogia, mencionando a pressão para obter o diploma universitário. Taylla escreve que na graduação participou de projetos que ampliaram seus horizontes. Apesar das lutas, destaca problemas educacionais persistentes devido a retrocessos e cortes orçamentários. Como mulher negra, valoriza ocupar espaços sub-representados e compartilha sua experiência como mestranda em projeto de extensão que prepara minorias para a pós-graduação.

A carta, que tem como título: *O se fazer professora: experiências contadas em resposta à carta de Paulo Freire*, é escrita por Fernanda Marques da Silva. Nela, a autora compartilha sua trajetória acadêmica e suas experiências escolares, destacando como a prática educativa impacta profundamente a vida dos estudantes. Formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e, atualmente, professora do Ensino Fundamental, Fernanda relembra suas vivências com professoras marcantes, que deixaram marcas positivas e negativas. Ela ressalta a importância de acreditar no potencial dos alunos e reflete sobre como o desinteresse de alguns educadores pode afetar negativamente a autoestima e o futuro dos estudantes. No decorrer da carta e, através de suas lembranças, a autora reforça a seriedade da prática educativa e a responsabilidade dos educadores em orientar e inspirar seus alunos.

Na próxima carta, Mariana Moreira dos Santos compartilha sua jornada em resposta à carta de Paulo Freire "Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas". Em sua escrita, ela destaca a influência dos ensinamentos de Freire em sua prática docente, explora sua trajetória até a carreira de educadora, revelando que mesmo que nunca tenha sonhado em ser professora na infância, desenvolveu um carinho especial pelas educadoras que a marcaram durante seus anos escolares. Em seus *Relatos de uma educadora que segue aprendendo e ensinando*, ela narra memórias que incluem: o processo de alfabetização, no qual a leitura se tornou um prazer e uma paixão que a levou a explorar bibliotecas e cultivar o hábito de leitura; o enfrentamento à pandemia da Covid-19 – que resultou em profundas transformações nas áreas sociais, econômicas, políticas e educacionais; o Ensino Remoto Emergencial nas escolas e universidades e o consequente desvelamento da desigualdade no acesso às tecnologias digitais no país, assim como outras experiências relevantes que lhe impulsionaram a refletir sobre as características dos educadores progressistas, tais como: a abertura para o diálogo em sala de aula, a amorosidade, a coragem, a tolerância, o respeito aos educandos e a paixão pelo processo de ensino-aprendizagem.

A carta de Camila Martins Januário de Freitas traz reflexões sobre a dialogicidade no contexto educacional. Ao responder à carta "De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele", a autora expressa sua admiração pelas ideias e legado do educador. No percurso de escrita da carta *Dialogicidade: a arte de ouvir e dizer entre educadores e educandos*, Camila também destaca o período sombrio vivido nos últimos anos, marcado por um governo autoritário e pela pandemia da Covid-19 e observa como a leitura das obras de Freire trouxeram fôlego para conceber um cenário alternativo para o país, baseado em justiça social e inclusão. Ao mencionar sua trajetória acadêmica, Camila diz da importância do diálogo entre educadores e educandos, destacando o conceito de didascência. E, ainda, ao final do texto, ela nos brinda com um lindo poema e ilustração de autoria própria, realizados no seu processo de leitura da carta de Freire e sua resposta a ela.

Elisângela de Fátima Teixeira reflete sobre a *Educação como Ato de Resistência*, influenciada pela leitura da “Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”. Ela destaca a conexão entre o ensino, a ética e a resistência, especialmente para grupos subalternizados, como a população negra. Elisângela discute a exclusão histórica das classes marginalizadas na educação brasileira, que foi moldada pelas elites intelectuais, e propõe uma educação de resistência contínua para desafiar os padrões impostos aos povos negros. Sua abordagem decolonial visa desconstruir esses padrões, compartilhando sua identidade como mulher negra, mãe solo e professora, que considera a leitura como uma ferramenta libertadora.

Caminhando agora para a apresentação da última parte deste livro: “Entre amorosidades e andarilhagens das(os) eternas(os) educandas(os) de Freire”. Em suas cartas, dirigidas a Paulo Freire, as autoras e autores se colocam como eternos educandas e educandos, refletindo, em seu conjunto, sobre a mudança do mundo e a conjugação do verbo resistir e esperar.

Daiane Cenachi Barcelos, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, escolhe a primeira carta do livro “Professora sim, tia não” de Freire, para discutir sobre a importância da leitura do mundo no processo de escrever e ler nas escolas e universidades. Seu texto tem como título *Entre Leituras e Releituras de Mundo: Dizeres de uma Eterna Educanda de Paulo Freire* e traz o impacto das ideias de Freire em sua formação. Ao relatar suas andarilhagens – modo como nomeia suas experiências como educanda e educadora - Daiane relata problemas sociais, educacionais, políticos e econômicos no contexto brasileiro, percebendo-os como causadores de retrocessos vivenciados na educação nesses anos mais recentes. Daiane também valoriza em sua carta a sua graduação em Educação do Campo, na qual teve acesso ao pensamento de Freire. Mantendo esse orgulho, prossegue com seu mestrado, focalizando nos saberes populares de grupos rurais marginalizados, como MST, Quilombolas, Indígenas e Agricultores(as) Familiares.

Na sequência dessas correspondências, André Randazzo Ortega produz uma *Resposta à carta: do direito e do dever de mudar o mundo*, da obra *Pedagogia da Indignação*. É num momento pessoal, político e educacional delicado em que diz escrever sua resposta à Freire que ele expressa uma mistura de angústia e expectativa diante dos desafios enfrentados pela esquerda progressista nos últimos anos. Para André, o legado e os ideais de luta e resistência deixados por Freire servem de inspiração para enfrentar as adversidades. Assim, o foco principal da batalha de André e seus colegas é a defesa da jovem democracia brasileira. A história recente, segundo ele, é marcada por eventos como o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a ascensão de Jair Bolsonaro, um líder que nega princípios democráticos e promove uma visão reacionária e fundamentalista. A sinalização de ventos mais brandos é apontada por este autor com a eleição presidencial de 2022, cuja disputa acirrada entre projetos políticos irreconciliáveis, representados pelos presidencialistas Lula x Bolsonaro – com vitória do governo do presidente petista – foi decisiva para o nosso país. É no corpo de sua carta, escrita com muita emoção, que André alerta para o importante papel de resistência dos educadores progressistas e convoca-os a continuarem na luta por uma sociedade justa e democrática, elementos centrais do pensamento freireano.

A carta de Anna Thércia José Carvalho de Amorim a intitula *A Mudança do Meu Mundo: Dos Cocais às Minas Gerais*, é também uma resposta ao texto “Do direito e do dever de mudar o mundo”, de Paulo Freire. Em seu texto, compartilha sua jornada de infância no

campo, no qual diz ter vivido em condições adversas que lhe levaram a ter que superar muitos obstáculos. Ela descreve, ainda, a dura realidade em que cresceu, enfrentando a falta de recursos básicos, como água encanada e uma educação precária, em uma escola multisseriada. A figura de sua avó desencadeia seu interesse pela aprendizagem, quando ela a ensina a ler e escrever por meio de cópias de livros antigos. Esta é uma carta comovente, na qual sua autora explora suas experiências de infância no campo, os desafios, as mudanças e as lutas para melhorar sua vida e a de sua família. Outro destaque trazido por Anna é a importância do legado de Paulo Freire que, com suas ideias, influenciou sua jornada educacional e pessoal. Por essas e outras razões, narradas ao longo de sua carta, Anna Thércia expressa sua gratidão por Freire e por suas contribuições para a educação popular, que transformaram e moldaram seus percursos.

A próxima carta que apresento a vocês é a de Rayane Oliveira da Silva e que tem como título *Há Braços para Resistir*. Em resposta à carta de Freire “Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho”, do livro *Pedagogia da indignação*, ela compartilha sua jornada educacional de Itaboraí, RJ, até a UFV, MG. Ao longo de sua escrita, ela destaca a influência de Freire em sua formação, ressaltando a importância da transformação social através da educação crítica. Rayane aborda, ainda, a necessária adaptação educacional durante a pandemia e reflete sobre a desvalorização da educação em tempos políticos difíceis. Por fim, sua carta termina com agradecimento a Freire por sua inspiração e uma reflexão sobre o modo como a educação pode capacitar os indivíduos para enfrentarem desafios e lutar por um mundo melhor.

Chegando ao fim desta minha carta de apresentação da obra - a qual escrevo com olhos marejados de lágrimas e coração repleto de orgulho por esses educandos-educadores - sintetizo para vocês a carta escrita por Sandra Cristina Gomes em resposta a quinta carta do livro *Professora sim, tia não*, de Paulo Freire, sobre o primeiro dia de aula. Na carta intitulada *Conjugação do verbo resistir e esperar* a autora expressa sua admiração pelas ideias transformadoras de Freire para o campo educacional, compartilhando no processo de escrita histórias da trajetória que a levou a se tornar professora. Sandra relembra seu início no ensino médio e sua busca pelo magistério, superando desafios financeiros. Ela destaca, ainda, seu papel como educadora de Educação Infantil e como os ensinamentos de Freire moldaram seu primeiro dia de aula, enfatizando a empatia e a sensibilidade. Ao refletir sobre a realidade atual dos educadores – com enfrentamento de sobrecargas no trabalho e falta de reconhecimento – ela menciona o verbo “resistir”, central na vida dos professores, e o conceito de “esperar”, ensinados por Freire como ferramentas de enfrentamento.

Retomando aqui o fôlego - após reler todas as cartas escritas para escrever esta apresentação para vocês - pretendo encerrar meu texto com um grande agradecimento aos autores-educandos-educadores, professores em formação permanente, que aceitaram o desafio proposto por mim na disciplina de escrever as cartas e de publicá-las em um livro que refletisse todos os ensinamentos e aprendizagens comuns que compartilhamos.

É certo que a disciplina Educação e razões oprimidas não dá conta de aprofundar todas as obras de Freire ou de hooks e que o tempo em que passamos juntos passa muito rápido, quase voa. Mas, também é certo que não entramos nela como saímos. Nos tornamos outros e outras, nos transformamos e crescemos como seres humanos e educadores, como vocês leitores sentirão, provavelmente, ao ler as cartas e ao viajar com elas pelas histórias e

memórias desse grupo de pós-graduandos que abriu seu coração, deixando fluir as palavras que, com orgulho e comprometimento, escreveram para compartilhar com vocês.

Despeço-me com o sentimento de dever cumprido e com novos planos para novas escrituras coletivas, que traduzam, não somente as aprendizagens tecidas em conjunto, mas nosso desejo e nossa luta por dias melhores na educação brasileira. Esperançar, resistir, amar, aprender, educar, conviver, conscientizar, transformar, dialogar... Que todos esses verbos nos acompanhem, como ensinamentos, que segundo hooks devem buscar o desenvolvimento do pensamento crítico na formação de pessoas. Com a força desses verbos, me despeço de vocês e reforço o convite para a leitura de todas as cartas, na ordem que escolherem.

Um grande abraço e boa leitura!